

POR QUE AINDA RECEIO DEIXAR ESTE MUNDO? A VISÃO ESPÍRITA DAS CAUSAS DO TEMOR DA MORTE

Morgana Pereira Filgueiras²⁸¹

INTRODUÇÃO

A vida após a morte é uma das questões abordadas pelo espiritismo. Ele ensina, por meio de preceitos racionais, não ser o fim da trajetória corporal, o cessar da existência, mas um momento de retorno à pátria espiritual e que a situação do ser no além-tumulo, relaciona-se a uma lei de causa e efeito conectada ao modo de agir de cada um. Também, esclarece quanto ao auxílio recebido dos amigos espirituais e da misericórdia divina, independente das faltas praticadas.

Mesmo diante desses ensinamentos, muitos têm incertezas do porvir ao desencarne. Outros não conseguem superar a ideia de um destino de punição rigorosa. Com isso sobrevivem desânimo e culpa por conhecê-los, mas não internalizá-los.

Esquecem-se, todavia, que a visão atual sobre a morte é fruto de crenças construídas em longa caminhada do Espírito durante diversas reencarnações e, por isso, reelaborá-las, apesar de ser possível, talvez não seja tão fácil quanto se espera. Entender essa condição estimula o indivíduo a ter paciência e indulgência consigo diante de tal dificuldade e a persistir para superá-la.

Assim, este artigo abordará que as causas do temor da morte preexistem à memória atual do indivíduo e podem ser obstáculo para compreendê-la de maneira diversa. Para isso, far-se-á breve explanação a respeito desse medo. Será discorrido sobre suas razões, tratando da questão do nada, sendo a destruição do corpo considerada fim absoluto e de que maneira, no geral, as crenças religiosas entendem a destinação dos culpados após o desencarne. Versará a respeito da reencarnação como processo de aprendizagem, possibilitando o acúmulo de conteúdos que formam o ser atual e da tendência em substituir os antigos lugares de penas físicas e horrendas pelo umbral.

DESENVOLVIMENTO

1 Temor da morte

Primeiramente, é interessante esclarecer que o temor da morte, conforme dispõe O Céu e o Inferno (KARDEC, 2013), é parte do instinto de conservação de todas as criaturas. É imprescindível à manutenção da vida corpórea, enquanto não se entende sua importância como instrumento para a elevação espiritual, pois ao menor dissabor ou entrave, o encarnado desistiria da missão de autoaperfeiçoamento. E, à medida que se compreende a vida futura, esse medo vai diminuindo.

²⁸¹ Trabalhadora da Fundação Allan Kardec, vinculada à Diretoria de Apoio à Melhoria Interior- DAMI.

Desse modo, o cerne do temor da morte está relacionado à percepção do porvir ao falecimento do corpo. Tratando sobre isso, a pergunta 941 do Livro dos Espíritos (KARDEC, 2013, p.423) dispõe:

941. Para muitas pessoas, o temor da morte é uma causa de perplexidade. Onde lhes vêm esse temor, tendo elas diante de si o futuro?

“falece-lhes fundamento para semelhante temor. mas que queres! se procuram persuadi-las, quando crianças, de que há um inferno e um paraíso e que mais certo é irem para o inferno, visto que também lhes disseram que o que está na Natureza constitui pecado mortal para a alma! Sucede então que, tornadas adultas, essas pessoas, se algum juízo têm, não podem admitir tal coisa e se fazem ateias ou materialistas. São assim levadas a crer que, além da vida presente, nada mais há. Quanto aos que persistiram nas suas crenças da infância, esses temem aquele fogo eterno que os queimará sem os consumir. Ao justo, nenhum temor inspira a morte, porque, com a fé, tem ele a certeza do futuro. A esperança fá-lo contar com uma vida melhor; e a caridade, a cuja lei obedece, lhe dá a segurança de que, no mundo para onde terá de ir, nenhum ser encontrará cujo olhar lhe seja de temer.”

Dessa questão, então, depreende-se haver duas maneiras como as pessoas vislumbram seu destino após o desencarne e que as fazem recear o evento morte: a inexistência ou o tormento inexorável oriundo de concepções religiosas. Serão as causas abordadas a seguir.

2 Causas do receio da morte

2.1 A inexistência ou o nada

A crença na vida futura é um freio para o homem e também um alento. Freio porque a ideia de haver o nada após a morte, poderia gerar seres insensíveis à missão do bem, arruinando a experiência presente e tornando sem sentido a vida social, pois se exacerbaria o individualismo em prol das satisfações materiais como objetivo existencial.

Alento, por saber que todo desenvolvimento alcançado e os esforços realizados não foram inúteis, mas há para eles uma razão e um fim, bem como por compreender não se romperem os laços afetivos criados.

Apesar de trazer esperança, tal concepção é ainda negada e coloca-se o fim da matéria como fim da existência. No Céu e o Inferno (KARDEC, 2013, p.19), se ensina que “A crença da imortalidade é intuitiva e muito mais generalizada do que a do nada. Entretanto, a maior parte dos que nela creem apresentam-se-nos possuídos de grande amor às coisas terrenas e temerosos da morte!”

Esse apego faz o ser acreditar apenas no que lhe é tangível, ignorando todo resto. Grandes contribuintes para essa crença do nada, foram importantes pensamentos filosóficos e sociais. Gerados ao longo de processos históricos,

em resposta ao descontentamento com a questão teológica²⁸², eles reputavam relevantes somente as coisas perceptíveis pelo mundo corpóreo.

Com esta visão, ao considerar o aparelho orgânico o centro da existência, é natural a ideia de fim absoluto se tornar pavorosa, ainda mais diante do instinto de preservação e de saber da impotência em face do evento morte, a única certeza da vida.

2.2 Concepções religiosas do pós-morte

Cada religião, conforme destaca-se em A Gênese (KARDEC, 2013), teve uma razão providencial de existir, afinal, todas elas levam o homem a dois princípios fundamentais: Deus e imortalidade da alma. E, como afirma Emmanuel em O Consolador (XAVIER, 2014), a escolha de seguir uma ou outra determina-se de acordo com o estado íntimo de cada um.

Nelas há um conjunto de ensinamentos que devem ser seguidos com o intuito de obter uma boa condição depois da morte. Segui-los ou não, gera ganhos ou sanções, respectivamente.

De acordo com O Céu e o Inferno (KARDEC, 2013), essa noção, perceptível nas mais diversas religiões, de que as penas e as recompensas experimentadas na vida futura são reflexo do comportamento em vida, é intuitiva ao homem.

O temor da morte reside, exatamente, na seara das punições. Como entre os habitantes terrenos, os seres ainda estão galgando a escala evolutiva, deslizes, certamente, serão praticados e aos infratores são reservados castigos terríveis²⁸³, entre os quais estão o extermínio, a existência de lugares criados para receber os culpados, onde estes experimentam fome, açóites, dilacerações, suplícios eternos e outros.

Estas perspectivas, nada atraentes, tinham exatamente a função de causar pavor. Segundo O Céu e O Inferno (KARDEC, 2013) tanto a doutrina das penas eternas quanto o inferno material visavam impressionar os homens, constituindo-lhes freios, que pouco ou nada se sensibilizariam com a ideia de sofrerem apenas punições morais.

Tais concepções, portanto, eram adequadas ao estágio de entendimento humano. E é devido a isso, que em algumas religiões havia um duplo ensino. Um reservado às massas e outro, a alguns iniciados. Observe-se o ensinamento de Denis (1997, p 20):

As formas materiais, as cerimônias extravagantes dos cultos tinham por fim chocar a Imaginação do povo. Por trás desses véus, as religiões antigas apareciam sob aspecto diverso, revestiam caráter grave e elevado, simultaneamente científico e filosófico. Seu ensino era duplo: exterior e público de um lado, interior e secreto de outro, e, neste último caso, reservado somente aos iniciados. [...] Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma aparente, outra oculta. Está nesta o espírito, naquela a forma ou a letra. Debaixo do símbolo material, dissimula-se o sentido profundo. O Bramanismo, na Índia, o

²⁸² Para mais esclarecimentos sobre movimentos filosóficos e sociais e a questão religiosa, vide capítulo XXIII – O século XIX em A caminho da Luz de Emmanuel e primeira parte, item 7 do livro Depois da Morte de Léon Denis.

²⁸³ A fim de ter uma visão mais aprofundada sobre punição e inferno, consultar o capítulo IV do livro O Céu e o Inferno.

Hermetismo, no Egito, o Politeísmo grego, o próprio Cristianismo, em sua origem, apresentam esse duplo aspecto.

3. Reencarnação

Para o Espiritismo, o comportamento terreno também repercute na condição da vida após a morte. O sofrimento experimentado pelo ser é moral, mas pode ser cessado por ele a qualquer tempo e, mesmo o mais feroz malfeitor, nunca será abandonado. Apesar de ciente de toda a indulgência divina, ainda há certa hesitação em aceitar a morte como evento natural da vida, já experimentado tantas vezes devido à lei de renascimento.

A reencarnação, um dos princípios da doutrina espírita, pode auxiliar a compreender essa dificuldade. Inicialmente, deve ser explicada qual a sua finalidade. Da questão 167 dos Livro dos Espíritos (KARDEC, 2013), inferem-se ter ela dois objetivos: reparar e melhorar, ou seja, redimir-se das faltas cometidas e aperfeiçoar-se moral e intelectualmente para progredir.

Ela se revela, portanto, fruto da misericórdia e da justiça de Deus, que sabe ser impossível as suas criaturas geradas ignorantes, alçarem-se ao estado de perfeição em uma só vida.

Dessas afirmações, chega-se à conclusão de, por ser originária da bondade do Criador, não é pena e, como mecanismo de evolução, possibilita a aprendizagem do espírito ignorante. Novaes (2003, p 85) esclarece neste sentido:

O retorno a um novo corpo, através da reencarnação, se dá para o crescimento do espírito. É um processo educativo, e não punitivo. Encarado dessa forma, não há um número definido de encarnações para um espírito. Sobre a chamada “lei” de causa e efeito atua a lei de misericórdia, que é uma das variantes da lei de Amor. Os processos não se dão de forma linear, isto é, não se passa pelo que se causou a outrem na mesma proporção e na mesma intensidade. As circunstâncias a que um espírito está sujeito numa encarnação expiatória são sempre atenuadas pela Misericórdia Divina. A chamada “lei” de causa e efeito não é como a pena de Talião. Não é “olho por olho dente por dente”.

Como processo educativo, cujo fim é o aperfeiçoamento, possibilita ao espírito passar por diversas experiências e ter contato com inúmeros conhecimentos. Em cada experiência corporal, o que ele apreende torna-se patrimônio seu, não apagado pela morte, há uma sequência cumulativa. Se assim não o fosse, todas as vezes que reencarnasse teria de assimilar novamente algo antes aprendido e jamais evoluiria, contrariando a lei do progresso.

Conforme destaca Delane (1996), todas essas memórias das vidas passadas ficam armazenadas no perispírito e estão latentes no encarnado.

Joanna de Ângelis (FRANCO, 2002) diz que o inconsciente coletivo, sem ignorar a definição original dada pela teoria de Carl Jung, coincide com esses conteúdos. Ela ainda menciona:

Ninguém nasce, na Terra, na atualidade, como sendo uma tela em branco, na qual se irão registrar futuros acontecimentos. O Self não é apenas um arquétipo aptidão, mas o Espírito com as experiências iniciais e profundas de processos anteriores, nos quais desenvolveu pródromos do Deus interno nele vigente, face à sua procedência

divina desde a criação. É natural, portanto, que possua heranças, atavismos, reminiscências, inconsciente coletivo e pessoal, face ao largo trânsito do seu psiquismo no processo evolutivo ao largo de milênios (FRANCO, 2002, p 69).

Dentre os conteúdos armazenados na memória do ser espiritual, está a relação dele com a morte, já que Delane (1996) afirma que tudo a que se tem contato, fixa-se no ser e a lembranças latentes formam os alicerces da personalidade, pois toda recordação, física ou intelectual tem sua participação na construção da vida mental.

O modo como se lida com a questão do desencarne, portanto, não está relacionado somente às vivências atuais. Assim, também, dispõe Joanna de Ângelis (FRANCO, 2013, p 119) explicando que as crenças pessoais ligadas ao medo da morte são formadas ao longo de sucessivas vidas:

Entre as várias expressões de medo ressalta o da morte, herança atávica dos arquétipos ancestrais, das religiões castradoras e temerárias dos cultos bárbaros, das conjunturas do desconhecido, das imagens mitológicas que desenharam no tecido social as impressões do temor, das punições eternas para as consciências culpadas, dos horrores inomináveis que o ser humano não tem condições de gerir...

Portanto, o indivíduo acostumado no decorrer de suas existências a negar ou ignorar a vida intangível, ou por ainda acreditar somente no que impressione os sentidos, ou porque prefere os gozos terrenos, poderá apresentar dificuldades em internalizar novos conhecimentos que apregoem o contrário, isso é compreensível. O mesmo ocorre com aqueles que acreditam em algo além da existência corpórea e ensinamentos religiosos trouxeram a ideia de poderem sofrer penas terríveis após o desencarne. Assim corrobora Joanna de Ângelis (FRANCO, 2013, p 120):

Conforme o Eu profundo considera a morte, povoando-a de incertezas, gênios do Mal, regiões punitivas ou aniquilamento, dessa forma a enfrentará. O oposto igualmente se dá. Vestindo a morte de esperança e encontro felizes, de aspirações enobrecidas, de agradável despertar, ocorrerá o milagre da vida.

Como foi destacado, talvez haja dificuldade em desconstruir as crenças negativas em relação à morte e isso não deve ser motivo de desânimo ou culpa. Cabe ao indivíduo entender sua limitação e que, em contato com os novos conteúdos, começará a construir outra concepção, para melhor satisfazer sua razão na evolução atual, mesmo que não consiga internalizá-los de imediato, mas no decorrer de futuras encarnações.

Além disso, como as causas do temor da morte resumem-se na má compreensão da vida futura, em o Céu e o Inferno (KARDEC, 2013), elenca-se que uma maneira eficaz de buscar superar o medo da morte, é considerá-la sob o ponto de vista espiritual. Concebê-la como apenas uma passagem, momento de reencontro com familiares e libertação das amarras do corpo, tentando incutir boas emoções e sensações quando pensar a respeito.

Também, deve-se desvincular a ideia de punição no pós-vida, no sentido de vingança divina. Buscar compreender que os sofrimentos decorrentes das imperfeições, acarretados com base na lei de causa e efeito, não são eternos,

nem se assemelham à lei de Talião. Sobre isso, tratam os ensinamentos do Código penal da vida futura (KARDEC, 2013, p 83-85):

11o) A **expição varia** segundo a natureza e gravidade da falta, podendo, portanto, **a mesma falta determinar expiações diversas**, conforme as circunstâncias, atenuantes ou agravantes, em que for cometida.

12o) Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo; a única lei geral é que toda falta terá punição, e terá recompensa todo ato meritório, segundo o seu valor. [...]

13o) A duração do castigo depende da melhoria do Espírito culpado. [...]

17o) O **arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo**; se for tarde, porém, o culpado sofre por mais tempo. [grifo nosso]

Além disso, destaca Joanna de Ângelis (FRANCO, 2013, p 119):

O autodescobrimento é terapia salutar para que sejam identificadas as causas geradoras e, ao mesmo tempo, a conscientização de quais recursos se podem utilizar para liberação.

Conhecendo o fator responsável pelo medo, antepor-se-lhe-á a confiança nas causas positivas, que resultarão em futuros equilíbrios de fácil aquisição.

4 Umbral

Outra questão oportuna é a tendência de substituir o umbral pelos lugares de sofrimentos físicos e pungentes que geravam o temor da morte, devido a velhos conceitos ou reminiscências de vidas pretéritas. Para conseguir aclarar as diferenças entre estes e aquele, primeiro, necessita-se saber sua definição. No livro *Nosso Lar*, André Luiz (XAVIER, 1997, p 69-70) apresenta:

[...] começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...]

O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestação o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.

O umbral rompe-se na superfície terrestre, mas não é um local preestabelecido, como a ideia que se tem de inferno, para onde devem ir os transgressores a fim de receber castigos externos após o desencarne, já que conforme o Céu e o Inferno (KARDEC, 2013), o inferno está onde existam Espíritos sofredores, sem necessidade de lugar circunscrito.

Em *Ação e Reação*, André Luiz (XAVIER, 1993, p 256) ensina que “[...] é o Umbral, situado entre a Terra e o Céu, dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermiça”. Os que estão nesta zona, unem-se por causa de sua sintonia.

Além disso, lá as causas dos sofrimentos não são externas, mas a aflição está no próprio Espírito:

5º) Dependente o sofrimento da imperfeição, como o gozo da perfeição, a alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito.

O inferno está por toda parte em que haja almas sofredoras, e o Céu igualmente onde houver almas felizes (KARDEC, 2013, p 83).

Cumprido destacar, ainda, conforme disposto em *Nosso Lar* (XAVIER, 1997, p 71), serem os “[...] habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias”, ou seja, não precisa estar morto para interagir com as zonas umbralinas, basta afinar-se com os que lá estão.

A interação entre os encarnados e os habitantes do Umbral, é esclarecida, também, na supramencionada obra:

O plano está repleto de desencarnados e de formas - pensamento dos encarnados, porque, em verdade, todo Espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender. Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à humanidade visível. (XAVIER, 1997, p 72)

Por fim, lá não existe condenação eterna e sem negligenciar a necessidade do ser de tanto quanto possível reparar suas faltas e aprimorar-se o máximo na vida presente, a fim de evitar tormentos futuros, caso vá a essas zonas de sofrimento, nunca está desamparado. Deus, infinitamente bom e justo, que sabe serem suas criaturas suscetíveis de falha, estende-lhe sempre a sua misericórdia, bem como há amparo do anjo da guarda e dos amigos espirituais, necessitando apenas mudar o padrão mental para perceber o auxílio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O temor da morte é algo natural, pois faz parte do próprio instinto de conservação. Mas este medo será diminuído conforme se compreende a vida futura e a necessidade da experiência corporal como meio de se elevar espiritualmente.

Entre as causas de receio da vida após a morte, destacam-se a visão de inexistência de algo além da carne, sendo o perecimento do corpo, o fim absoluto e as concepções religiosas, que trazem uma perspectiva de castigos terríveis aos infratores.

Essas causas para o temor da morte, existem, ainda, na memória espiritual latente do ser, como crenças, dificultando muitas vezes, a internalização de novos preceitos, que trazem perspectiva diversa, embora satisfaçam a razão.

Os conteúdos das mencionadas reminiscências constituem-se experiências vivenciadas por meio do processo educativo da reencarnação, cujo objetivo é a reparação de faltas e evolução do ser. Essa sucessão de

renascimentos, assim como culminaram nas crenças atuais sobre a morte, diante das novas lições, auxiliarão a construir uma nova visão sobre elas, mesmo em vidas futuras, caso não se consiga uma mudança de posicionamento ainda no presente.

Não se pode permitir que devido àquelas crenças, se substitua os lugares de penitência que fomentavam o temor da morte pelo umbral, pois são diferentes, já que ele não é um lugar predeterminado de castigos criado para receber os infratores. O Espíritos lá estão por afinidade, sendo as características do umbral produto das emanções mentais dos seres humanos. Temer ir para lá, após a morte, é infundado porque já é possível interagir com os desencarnados das zonas umbralinas por meio dos pensamentos, bastando atingir a mesma faixa vibratória.

Assim, com esclarecimentos proporcionados pela pesquisa, é possível entender, de forma geral, as causas de receio da morte. Mas caberá a cada um indagar quais delas estão presentes em seu mundo íntimo e de posse do conhecimento obtido, começar o trabalho de mudança de ponto de vista. Os obstáculos nessa empreitada não devem ser motivo de culpa ou desânimo, pois se entende ser fruto de inúmeras encarnações, não só da vida atual. Isso deve ser motivo de autocompreensão, gerando paciência e acolhimento diante das próprias dificuldades.

O QUE APRENDI SOBRE MIM MESMO

A escolha do tema relaciona-se à necessidade de íntima de responder: Por que apesar dos ensinamentos da doutrina espírita, aprendidos desde a infância, o medo da morte permanece?

Ao aprofundar o estudo sobre o tema, entendi o significado que este evento tão natural tem para mim. Oscilava entre: o materialismo e a incerteza de experimentar penas desagradáveis no umbral, por não ter feito suficiente bem na existência carnal.

Questionando-me ainda mais, encontrei uma das bases do problema: falta de fé. Tanto em dar primazia ao visível, quanto em não confiar na justiça divina. E queria saber o motivo disso, então comecei uma análise sobre a minha caminhada atual para entender desde quando tinha esse pavor, também, passei a lembrar de mim como um ser espiritual só de passagem. Algo que não fazia muito, apesar de, constantemente, ao mergulhar na doutrina e frequentar a Fundação Allan Kardec, ser relembrada da lei de reencarnação.

De posse das descobertas provenientes dessa avaliação, vejo a necessidade de ressignificar crenças e situações, fazendo um processo dialético entre o meu conhecimento doutrinário e as respostas oriundas do processo de autoconhecimento a fim de me reeducar. E isso, me auxiliará não só com o temor da morte, mas também com outras limitações.

Ademais, com a pesquisa, identifiquei três questões que, apesar do conhecimento, ainda existem e não deixam de ter relação com a fé: Deus, concebido como criador distante e ocupado; o mundo espiritual, tido como algo separado; e o amparo espiritual de entes queridos e do mentor.

A fim de melhor perceber o auxílio, a meditação é prática interessante, além da comunicação frequente com o anjo da guarda. E, o trabalho no bem, nos afina com os espíritos sérios e nos prepara um bom caminho para a vida futura.

A morte ainda é vista como perda da vida e não como retorno à pátria verdadeira. Os acidentes fatais e as doenças terminais, sabemos que não ocorrem por acaso, e explicamos a nós mesmos racionalmente, mas, certamente, não gostaríamos de passar por eles. Realmente, são situações ruins, se enxergadas do ponto de vista carnal.

A morte também é concebida como frustração de planos, por isso sempre, no imaginário, se quer adiar o seu dia, ou ainda, teme-se ir para o umbral.

Há ainda um abismo entre conhecer a doutrina e vivenciá-la, pois a registramos no nível cognitivo, mas demoramos a senti-la.

Possíveis razões, talvez estejam na pouca fé, visão muito materialista, no comodismo e esquecimento de identificar-se como ser imortal. A primeira, no sentido de ainda não confiar nas leis e sabedoria divinas, o que debilita a existência de resignação diante da morte. A perspectiva mais carnal que espiritual, por sua vez, faz tratar a existência corpórea não apenas como um degrau para evolução do ser, o qual dá prevalência às coisas tangíveis. O comodismo, a seu turno, visto não em relação ao estudo, nem ao trabalho, mas em relação a si mesmo, de não questionar-se, o que faz reproduzir os automatismos e retarda a mudança. E, por último, o olvido da imortalidade, considerado tanto em agir como se não houvesse um porvir à morte, como ao querer a perfeição imediata, sempre achando que não fez o suficiente e pode ir ao umbral.

Visando superar o temor da morte, poderíamos: praticar o autoconhecimento, para proporcionar o início da mudança de comportamento e descobrir qual a atividade para a prática do bem será mais adequada às necessidades evolutivas; manter constante interação com o plano espiritual, seja por prece, ou, sempre que possível, por atividades mediúnicas a fim de fortalecer a fé e aprender; passar a nos vermos como ser imortal, cujas atitudes refletem não só na vida carnal, e buscar sempre a melhora, mas dentro das possibilidades.

REFERÊNCIAS

DELANE, Gabriel. **A Reencarnação**. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

DENIS, Léon. **Depois da Morte**. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

FRANCO, Divaldo. **Triunfo Pessoal** pelo espírito Joanna de Ângelis. 2 ed. Salvador: LEAL, 2002.

_____. **O Ser Consciente** pelo espírito Joanna de Ângelis. 16.ed. Salvador: LEAL.

KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno**. 61 ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. **O Livro dos Espíritos**. 93 ed. Brasília: FEB, 2013.

_____. **A Gênese**. 53 ed. Brasília: FEB, 2013.

NOVAES, Adenáuer Marcos Ferraz de. **Reencarnação**: processo educativo. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2003.

XAVIER, Francisco Cândido. **Nosso Lar** pelo espírito André Luiz. 47 ed. Brasília: FEB, 1997.

_____. **Ação e Reação** pelo espírito André Luiz. 15 ed. Brasília: FEB, 1993.

_____. **O Consolador**. 29 ed. Brasília: FEB, 2014.